

Para finalizar, o pesquisador estuda o contato entre os dois tipos de sociedades rurais analisados (*Les difficiles rencontres de deux sociétés rurales*) apresentando sua contribuição original ao estudo do melo agrário gaúcho, detendo-se nas mutações que marcam sua evolução atual.

Ao concluir procura mostrar os problemas que afetam o mundo rural tendo constatado um estado de crise nos dias atuais apontando os setores em que se deve concentrar a ação governamental para a solução dos problemas: "*En fait, il semble bien que les solutions aux crises actuelles des sociétés rurales du Rio Grande do Sul résident surtout dans trois domaines où, précisément, l'exploitant isolé ne peut à peu près rien: l'organisation des marchés, les routes et les structures foncières.*" (p. 715).

A obra traz ampla bibliografia ao final de cada parte e se apresenta ricamente ilustrada com gráficos, cartogramas e fotografias. — ADYR APPARECIDA BALLASTRERI RODRIGUES.

\* \* \*

#### AS GRANDES COLEÇÕES DE ESTUDOS BRASILEIROS: A "BRASILIANA"

Vol. 287 — *Cláudio Ribeiro de Lessa: Viagem de África em o Reino de Daomé. 1957. 202 pp.*

O infatigável pesquisador Cláudio Ribeiro de Lessa, já bem conhecido dos leitores da "Brasiliana" pelas suas magníficas traduções de Saint-Hilaire, publica neste volume um dos mais interessantes documentos sobre as relações entre a Bahia e a África, no século XVIII. Seu título integral é "Crônica de uma embaixada luso-brasileira à Costa d'África em fins do século XVIII, incluindo o texto da 'Viagem de África em o reino de Daomé', escrita pelo Padre Vicente Ferreira Pires, no ano de 1800". Trata-se — como o título o diz — do relato completo e minucioso de uma embaixada que visitou, em nome do rei de Portugal, a corte do soberano negro de Daomé. A introdução e o estudo final permitem ao leitor boa compreensão do problema e ressaltam a importância do precioso códice — ONM.

\* \* \*

Vol. 288 — *J. F. de Almeida Prado: O Brasil e o Colonialismo Europeu 156, 484 pp.*

O autor reuniu neste volume trabalhos diversos, porém quase todos relativos ao tema do Brasil perante o colonialismo europeu. Assim se intitulam os diversos estudos: "O Brasil e o Colonialismo Europeu" (que deu título ao volume), "O Descobrimento e a Colonização do Brasil", "O Início do Tráfico Africano", "A Bahia e suas Relações com o Daomé", "Alegrias e Pesares de uma Educadora Alemã" (que serviu de prefácio ao interessantíssimo livro de Ina von Binzer), "Reflexos do Colonialismo Europeu no Brasil", "O Mito da Superioridade Racial", "Repercussões Sociais da Cultura do Café no Brasil", e, ainda, algumas páginas de circunstância, que o leitor estranha tenham sido incorporados ao volume, como "Ecos de um Congresso de Escritores em 1954", uma nota sobre Francesco Nitti, antigo estadista italiano, e outra, sobre um professor de literatura italiana que integrou os quadros da Universidade de São Paulo, e a quem o autor denomina: "Um poeta safadinho". — ONM.

\* \* \*

Vol. 289 — *Clóvis Caldeira: Mutirões Formas de Ajuda Mútua no Meio Rural. 1956, 222 pp.*

Mutirão é vocábulo usado para nomear certas formas de ajuda mútua, originalmente na vida rural, mas que acabou estendendo-se às mais variadas atividades, in-

clusive às domésticas. Esta obra é a primeira a abordar, do ponto-de-vista sociológico, o interessantíssimo tema, dos mais expressivos para o conhecimento da vida rural brasileira. O autor trata não apenas das origens, estudando a herança comunitária portuguesa, indígena e africana, mas focaliza, igualmente, os principais traços da ajuda mútua nas mais diversas regiões do país. — ONM.

\* \* \*

Vol. 290 — *Charles Wagley: Uma Comunidade Amazônica: o Estudo do Homem nos Trópicos.* 1957, 402 pp.

O ilustre antropólogo da Universidade de Colúmbia, que permaneceu muito tempo entre nós, realiza neste volume exaustivo trabalho de pesquisa local sobre uma pequena comunidade amazônica (apresentada sob nome fictício, como é de praxe entre sociólogos e antropólogos), visando, como o subtítulo o diz, a caracterizar o problema do homem nos trópicos. Allás, essa mesma comunidade já forneceu assunto a outro trabalho do pesquisador brasileiro Eduardo Galvão, publicado nesta mesma coleção e do qual já demos notícia. As pesquisas realizadas para a elaboração do livro referem-se ao período junho-agosto de 1948, embora o primeiro contacto do autor com a comunidade que tão bem estudou remonte a 1942. Pesquisa realmente modelar, que marcou um ponto de destaque na literatura sociológica e antropológica — ONM.

\* \* \*

Vol. 291 — *Cruz Costa: O Positivismo na República.* 1956, 204 pp.

Estudioso da história das idéias no Brasil, o autor, antigo professor da Universidade de São Paulo, oferece-nos, neste volume, algumas "notas sobre a história do positivismo no Brasil", particularmente sua influência na propaganda republicana e na implantação do novo regime. Alguns de seus capítulos já haviam sido publicados anteriormente em revista especializadas, decidindo o autor dar-lhes agora uma forma definitiva, dentro de um sentido de unidade que transparece da primeira à última página. A influência de Comte e de seus discípulos é muito maior do que em geral dão conta os nossos escritores. E neste processo de revalorização, ou talvez melhor, de reavaliação da obra do pensador de Montpellier, há de caber grande destaque aos trabalhos do Professor Cruz Costa, a começar pela sua importante obra "Contribuição à História das Idéias no Brasil" e pelo opúsculo hoje esgotado: "Augusto Comte e as Origens do Positivismo". Na apresentação, lembra o autor que seu objetivo foi "sugerir aos moços um mais decidido interesse pelos problemas e questões que se relacionam com a história das nossas idéias". Para Cruz Costa, o positivismo, entre nós, foi uma tentativa de "doutrinação", que fracassou, "mas que encontrou, parece, no espírito e no pensamento brasileiros — nos quais ela ainda talvez se mantenha em estado difuso — uma importância que ainda não se revelou suficientemente". Pois é para a reavaliação dessa importância, que seu livro representa uma excelente contribuição. — ONM.

\* \* \*

Vol. 292 — *Anísio Jobim: O Amazonas, sua História.* 1957., 302 pp.

O autor do presente livro — diz a nota de apresentação — "é um dos mais credenciados analistas dos problemas do passado e do presente do extremo Norte. Alagoano, sua vida, no entanto, foi realizada no mundo amazônico, a cujo estudo se dedicou, nas horas que lhes sobravam de suas atividades como magistrado e, posteriormente, Senador. Esse conhecimento, ele o obteve não apenas na leitura dos clássicos — naturalistas, viajantes, historiadores — mas no contacto intenso com aquela natu-

reza admirável, o que lhe permitiu produzir numerosos trabalhos, aos quais vem incorporar-se este, em que traçou uma síntese da formação e do processo por que o Estado se incorporou ao Brasil, de suas origens à atualidade. São, assim, três séculos da evolução amazonense com suas peculiaridades e momentos mais significativos, que fixou com acuidade, firmando na experiência que possui e no manuseio das melhores fontes escritas e inéditas, que foi buscar nos arquivos regionais". — ONM.

\* \* \*

Vol. 293 — *João Dornas Filho: O Ouro das Gerais e a Civilização da Capitania*. 1957, 238 pp.

Quando apareceu o presente livro, em 1957, publicamos a respeito dele a seguinte nota estampada no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* de 21 de dezembro daquele ano:

O autor já é bastante conhecido. A historiografia brasileira deve-lhe, entre outras coisas, uma biografia de Silva Jardim, uma monografia sobre a escravidão e um ensaio das relações entre a Igreja e o Império. Neste novo trabalho (ensaio? monografia?), cujo título promete muito, pretende o autor estudar, em novos moldes, a contribuição mineira para a formação econômica do Brasil. Quais são os novos moldes, o autor não o diz, e nem o leitor fica sabendo sem ler o volume todo; entre outras coisas porque os capítulos não têm títulos e, conseqüentemente, o livro não tem índice. A primeira vista o título define o livro. Mas apenas à primeira vista. Tão logo comece a lê-lo, o leitor se desilude dessa definição que, inicialmente, lhe pareceu tão clara. Seria o caso de dizer que nele há muito mais e, ao mesmo tempo, muito menos do que o título promete. O Autor parte do pressuposto de que os historiadores brasileiros não têm feito justiça ao chamado "ciclo do ouro". E vai buscar a *Formation historique* de Oliveira Lima, série de conferências proferidas na Sorbonne em 1918, em uma das quais encontrou uma frase que entendeu de refutar... quarenta anos depois de realizada a conferência e trinta após a morte do conferencista. Todavia, não foi necessário esperar pelo livro do historiador mineiro. O tempo que nos separa da obra de Oliveira Lima viu surgir uma avultada bibliografia dedicada à mineração ou a vários outros aspectos da vida social e econômica mineira, de modo que, mesmo sem o livro do Sr. João Dornas Filho, qualquer estudioso de nossa história afastaria, por ilógica e absurda, a afirmação de Oliveira Lima que o autor mineiro retomou. Seu livro vale, pois, menos pela preocupação do refutar ao autor da *Formation Historique de la Nationalité Brésilienne*, do que por recordar ao leitor numerosos episódios da história mineira, que vão desde a exploração do ouro até a extração dos diamantes e à siderurgia, passando pelo Caraca, pelas festas populares mineiras, pelo comércio de muaras, pelo zebu do Triângulo, pelo pioneirismo têxtil de Bernardo de Mascarenhas. De permo, relatos pitorescos, como as referências às extravagâncias da famigerada Chica da Silva, de Diamantina, ou à luminosa idéia do Professor Agostinho Penido de colocar óculos verdes nos animais para que eles comessem capim seco... Idéia tão luminosa quanto a do velho Jaguaribe de ensinar macaco a colher café, para que as lavouras não sofressem tanto com a abolição da escravidão... Na sua preocupação de explicar tudo pelo ouro, no que, em grande parte, tem razão, o autor como que se perdeu no meio de tanta riqueza e o que julgou deve fazer de melhor, foi expô-la inteiramente aos olhos do leitor, obrigando-o a acompanhá-lo num passeio um tanto desordenado pela "curiosa civilização do altiplano mineiro". Talvez o livro peque por excesso. Guiado apenas pelo título, ninguém terá a idéia de consultá-lo para nele procurar, por exemplo, a biografia de Monlevade ou uma descrição minuciosa do convento de Mafra. Estas restrições quanto ao método não tiram, é claro, o valor do trabalho recentemente editado pela "Brasiliense". Não podemos deixar de louvar, entre outras coisas, a preocupação de documentar-se ao máximo. As fontes utilizadas são as mais seguras: os

viajantes antigos (Pohl, Eschwege, Saint-Hilaire, Martius), as publicações do Arquivo Público Mineiro, além de autores renomados e fidedignos da historiografia mineira, como Xavier da Veiga, Diogo de Vasconcelos, Joaquim Felício dos Santos, Calogeras, para citar apenas os mais conhecidos. Fundamentado dessa maneira, os informes que o autor nos dá sobre o vulto e o valor do ouro extraído das "Gerais" merecem confiança e constituem como que a atualização de tudo quanto, a respeito, se publicou, desde Eschwege, a quem o Sr. Dornas faz a justiça de lembrar o quanto seus escritos são imprescindíveis para o conhecimento da civilização mineira. Simonsen primeiro, e posteriormente, Júlio de Mesquita Filho chamaram a atenção para a influência do nosso ouro no surto industrial do Ocidente. Retomando o tema, o Sr. Dornas Filho, após o longo passeio pelos "fatos concretos" de três séculos, cujas verdades "não concordam com as conclusões do polígrafo pernambucano", lembra, mais uma vez, que "a riqueza das Minas Gerais deixou na capitania o germe de uma civilização originalíssima, passando o excedente dessa riqueza às mãos de Portugal, e destas para as arcas da Santa Sé, a quem proporcionou os esplendores litúrgicos, as suntuosidades artísticas e a expansão de sua influência a todos os quadrantes do planeta, e para os cofres da Inglaterra, que com ela criaria o seu estupendo poder industrial e, por este, os primores da civilização ocidental". — ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

## TESO E PESQUISA NA DEFESA DOS BENS CULTURAIS

JOSEPH SOUSA FILHO

### — INTRODUÇÃO —

Um dos maiores problemas da conservação dos bens culturais do Brasil é a falta de recursos financeiros para a realização de pesquisas e de estudos de conservação. A situação é agravada pela falta de interesse da população em geral em relação aos bens culturais. É necessário que o Estado e a sociedade tomem consciência da importância dos bens culturais e que se estabeleçam mecanismos para a sua proteção e conservação.

### — OBJETIVOS —

O principal objetivo deste trabalho é a identificação dos bens culturais do Brasil e a elaboração de um plano de conservação. Para isso, foram realizadas pesquisas em arquivos e bibliotecas, com o objetivo de identificar os bens culturais e a sua situação atual.

Os bens culturais do Brasil são aqueles que possuem valor histórico, artístico ou científico. Eles são considerados patrimônio cultural e devem ser protegidos e conservados para as futuras gerações. A identificação dos bens culturais é o primeiro passo para a sua conservação.

1. O autor é doutor em História e atua como professor de História da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, Pernambuco.

2. Este trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).